

SESSÃO DE TERAPIA

Sessão de Terapia é uma série dirigida por Selton Mello, exibida pelo canal GNT, que se encontra em sua terceira temporada. Acredito que seu sucesso se deva, em parte, pelo interesse cada vez maior do público leigo em questões psicológicas e relacionais, e, em parte, pelo bom desempenho dos atores e pela maneira séria como os assuntos são tratados.

A trama se desenvolve no consultório do terapeuta Theo (interpretado por Zé Carlos Machado) e procura mostrar os dilemas existenciais dos diferentes personagens e como são conduzidos numa proposta de trabalho de orientação psicanalítica.

Na temporada atual, acompanhamos as histórias de Bianca Cadore, uma mulher com dificuldades no relacionamento com o marido; Diego Duarte, um adolescente que procura a resolução de seus problemas na bebida; Felipe Alcântara, um jovem empresário que discute sua preferência sexual, e Milena Dantas, viúva de Breno Dantas (personagem da 1ª temporada, que se suicidou), que aparenta ter dificuldades relacionais e de comportamento.

Um analista atento, porém bastante econômico em construções conjuntas com seus pacientes, Theo mostra-se algumas vezes incisivo, quase sempre interpretativo. Seu repertório inclui poucas sugestões ou perguntas reflexivas que convidariam seu interlocutor a inserir seu próprio pensamento nas hipóteses apresentadas. Parece buscar uma neutralidade e abstinência que penso serem próprias do modelo eleito para o atendimento.

Para ilustrar, relembro um trecho do atendimento de Milena, no qual ela se queixa de ter sido afastada do seu ambiente de trabalho e Theo desenvolve uma explicação baseada na relação entre os sentimentos de angústia experimentados por ela e os rituais que poderiam estar ligados como uma tentativa de controle. Theo não inclui a visão de Milena nessa compreensão nem a questiona se sua observação faz sentido para ela. Estabelece, assim, uma relação causal e única entre o comportamento e o que o motivou.

Em outro episódio, Theo ganha um presente de seu paciente Felipe e conclui que esse comportamento por parte do jovem tem o objetivo de fazer com que as pessoas gostem dele. Não há espaço para Felipe se colocar, dialogando ou coconstruindo essa ideia de forma que pudesse ser mais significativa para ele. Theo deixa pouco lugar para reflexões e, quando contestado, nomeia como “defesa” a versão que se contrapõe a sua.

Penso que em vários momentos fica clara a impossibilidade da neutralidade, embora ele pareça buscá-la. Ao atender seu paciente adolescente, que sofre com a ausência da mãe, ele oferece uma opinião dando-lhe status de verdade universal. Ele explica a atitude do pai afirmando que “as pessoas têm diferentes maneiras de viver o luto”. Ele mostra uma preocupação em não colocar suas questões emocionais a serviço de seu atendimento, embora, com frequência, fique difícil separá-las.

DRA. ELIZABETH POLITY

Terapeuta de Casal e Família

Entretanto, Theo também se mostra um terapeuta interessado e comprometido com seus pacientes. Em alguns momentos, somos convidados a nos solidarizarmos com sua dor e sofrimento impostos pela exigência de seu trabalho. Empatia e relações mais afetivas surgem quando ele acolhe Bianca e procura explorar com ela a ideia do que é amor e das diferentes formas de manifestá-lo. Ele parece realmente preocupado com as questões de violência familiar entre a paciente e seu marido, e se despede dela dizendo: “Se precisar de mim, me ligue!”

Ao final de cada semana, já que de segunda a quinta-feira é exibido um novo episódio com cada um dos pacientes, há uma supervisão em grupo (na 1ª temporada, a supervisão era individual e volta a sê-lo nos capítulos seguintes dessa terceira temporada), da qual participam outros três analistas. Um deles tem o lugar de supervisor (Evandro Mendes), enquanto Theo e os outros dois (Rita Sanchez e Guilherme Damasceno) trazem para o grupo relatos dos atendimentos.

Vaidades, jogos de poder, demonstrações explícitas de autoridade e de supremacia pelo suposto “saber” acontecem nessas supervisões, as quais, presumidamente, teriam o objetivo de auxiliar os terapeutas em sua prática. Porém, o que prevalece são citações teóricas, em detrimento a diálogos mais colaborativos.

Num dos últimos episódios, Theo compartilha com os demais sua preocupação com o filho mais velho, que está envolvido com drogas e sua opção de interná-lo em uma clínica de reabilitação. Recebe pouco acolhimento dos colegas, que mais se preocupam com as “projeções” que poderiam ocorrer, já que Theo atende um paciente cuja história se assemelha.

Na cena seguinte, é revelado o romance entre o casal de analistas, e o sofrimento que esse segredo vinha impondo para a mulher. “Tire a máscara”, ela esbraveja, perdendo sua pose fria e controlada. E dirigindo-se ao companheiro, completa: “Toda postura cai quando a verdade é mostrada”. Parece que havia um acordo tácito em não assumir relações afetivas que poderiam “comprometer” a imparcialidade no trabalho. Uma exigência em suprir ou esconder os sentimentos para profissionais que justamente os têm como objeto de trabalho. Questiono-me sobre que crenças estariam na origem desse comportamento?

Ainda que se baseie na teoria psicanalítica (Theo constantemente cita Freud), o método utilizado se distancia de uma psicanálise clássica. Mostra-se como um modelo de psicoterapia analítica no qual se aplicam técnicas condutivas, técnicas de apoio e/ou interpretações sugestivas, e o terapeuta se apresenta como um objeto real tolerante ou limitador, segundo a necessidade do paciente e “criando desta feita um espaço onde todos os golpes são válidos” (Green, 2008), citando uma expressão cunhada por Lacan e citada por Green, para deixar claras as diferenças entre as duas abordagens.

Mesmo que mais tolerante e mais aberta ao relacionamento entre os co-atores do processo, a forma do atendimento distancia-se de uma visão novo-paradigmática, conforme proposta pelo Construcionismo Social, ou pela terapia Narrativista. Sobretudo, no que concerne ao conceito do observador inserido na realidade que observa. Distancia-se também na maneira unilateral como a compreensão dos problemas vai sendo apresentada, deixando clara a voz do especialista.

Especulando sobre o processo da terapia, sou levada pela fantasia a imaginar como seria rico se incluísse a experiência de vida do analista frente às questões abordadas. Poder escutar sua voz interna, compondo um diálogo polifônico

oriundo das suas experiências familiares, sociais e culturais nos ajudaria a compreender: quem é esse sujeito que conversa? Bom, mas aí seria outro programa...

Diferenças a parte (até porque a unanimidade é burra, já dizia Nelson Rodrigues), essa série merece ser assistida ainda que seja tão somente para constatar que podem existir saídas para o sofrimento humano, quando este é tratado com respeito e consideração.